



BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS
DE LISBOA

Cine (Lisboa, 1934) – Revista ilustrada, em 3 números (17 a 31 de Maio), com 24 páginas cada, **direcionadas para a informação, divulgação e crítica das atualidades do cinema**. Era sua proprietária a Editora Cinematográfica (S.A.R.L.) e seu diretor **António Fagim (1900-?)**, administrador-delegado daquela empresa. Acompanhavam-no na revista: **J. Vicente Sampaio**, como administrador; **Augusto Soares**, como editor; e **Mota da Costa**, como secretário da redação. Esta era sediada na Rua Braamcamp (96-1.º Dt.), em Lisboa.

As páginas desta revista incluem texto, fotografia e anúncios de produtos de beleza e até de conservas de sardinhas “Cine”. Mantém o seu registo gráfico semelhante nos três números editados. Cada número avulso custava 1\$50 e as assinaturas podiam ser pagas por dois modos, à cobrança (Portugal e todo o mundo a diferentes preços e periodicidades) ou adiantadamente (série de 10 números por 15\$00).

PROGRAMA EDITORIAL

No primeiro número, sob o título “Razão de ser” e acima da frase lapidar de “Este número foi visado pela comissão de censura”, **apela-se para haver em Portugal o “definitivo estabelecimento da indústria” cinematográfica. Este parece ser o desejo que move os promotores desta revista**, que identificam as causas da “hora perturbada e incerta” aos “falsos mentores da indústria portuguesa do cinema”, à escassez de meios técnicos e financeiros e a uma “defeituosa organização comercial” – “É preciso arrear caminho. Eis ao que vimos dando êste passo”.

Agitando ideias, discutindo princípios, difundindo cultura, “reflecti-la, criá-la, preparando uma consciência cinematográfica”, os promotores de *Cine* confiam assim no futuro e sabem haver em Portugal “novos que se sentem com coragem e têm habilitações suficientes para trabalhar”, para quem se pede formação técnica.

É precisamente a intenção de divulgar **cursos técnicos por correspondência e presenciais para atores** que a revista apresenta logo na página inicial, aliás ainda antes daquele editorial, isto para além do anúncio de concursos para profissionais e amadores e, também, para os leitores.

As notícias do estrangeiro surgem alternadamente com as do País, com o interesse acrescido pelo futuro do cinema nacional, já que a empresa detentora da revista apresentava-se, também, como produtora de fonofilmes e editora de publicações cinematográficas, iniciando a sua atividade, precisamente, com a criação de *Cine*, revista de “divulgação e de cultura que ensine e que recreie, educando o público. Um hebdomadário que seja o baluarte dos que trabalham em prol do cinema e das suas legítimas aspirações”.

Previa-se destinar uma página a outras manifestações artísticas, da qual se faria uma separata a distribuir por todos os hotéis, cafés e restaurantes de Lisboa.

CONTEXTO HISTÓRICO

O estado amorfo do panorama cinematográfico português fez correr alguns apaixonados por esta arte, criando a **Editora Cinematográfica**, certamente uma das novidades da época, a par da instalação dos estúdios da **Tobis Portuguesa (1932)**, em Lisboa. Eram empreendedores de diferentes origens profissionais, alguns que já trabalhavam nas produções portuguesas das duas últimas décadas e que pretendiam fazer desta indústria um negócio florescente, através da produção de “filmes de complemento, jornais sonoros e documentários”. Os principais promotores foram **Octávio de Brito** e **António Fagim**, redator de *O Século* e ator em *A Castelã das Berlengas* (1929) e *A Severa* (1930). Dos 12 fundadores, contava-se também **Félix Bermudes** – autor de peças teatrais, operetas, comédias, revistas e guiões de cinema, que seria coautor do guião do filme *O Leão da Estrela* (1947) – e do maestro **Frederico de Freitas** – que, na época, já fizera a partitura musical para *A Severa*, o primeiro filme sonoro português.

Essa intenção de produzir pequenos fonofilmes traria, inicialmente, algumas invejas por parte de outros promotores, tal como se dá conta nesta revista. Confiava-se, porém, no sucesso da produção nacional a partir desse entusiasmo generalizado já que, segundo os responsáveis pela Editora Cinematográfica, abria-se largo campo de trabalho: “Eles são os filmes sobre história, educação física, geografia, ciências biológicas, higiene, artes e ofícios – para educação de grandes e pequenos; os filmes de propaganda comercial, industrial e turística; o documentário e o jornal de actualidades; os filmes de arte e recreio – puro espectáculo – para novos e velhos – um rol de aspectos e especialidades que ocupam, em anos sucessivos, algumas dezenas de braços, interessando quantos vivem nos quatro cantos da terra portuguesa. Que ninguém receie pelo futuro das empresas que se proponham realizar filmes de grande ou pequena metragem. Há lugar e campo de permanente actividade para todos. Só não deve haver lugar, daqui por diante, para os cinegrafistas estrangeiros se instalarem no nosso país, com a sua aparelhagem, filmando livremente o que quiserem, com o falso pretexto de que se trata de propagandear o nosso país lá fora. Isto não se deve repetir, nem as entidades competentes podem consenti-lo, por dois motivos: primeiro, porque estamos a consentir que os operadores estrangeiros nos levem daqui documentários que os nossos podiam muitíssimo bem realizar e vender com benefício da indústria e da economia nacionais; segundo, porque não se exerce nenhuma espécie de fiscalização sobre o que os sujeitos filmaram dos usos e costumes portugueses; comentando-os à sua moda e pode muito bem acontecer que em vez de nos prestigiar no estrangeiro, sirva até para nos deminuir [*sic*]”. Texto em clara sintonia com os novos tempos em Portugal, perfeitamente aceite, certamente, pela Comissão de Censura. Apesar disto e dos propósitos dos seus responsáveis, **esta publicação não passaria do seu terceiro número.**

No ano da *Cine*, são estreados *A Canção de Lisboa* (Cottinelli Telmo) e *Gado Bravo* (António Lopes Ribeiro, com Max Nossek), muito bem acolhidos pelo público e pela crítica. O primeiro inspira-se e deixa raízes na comédia teatral de revista, ajudado por um lote extraordinário de atores; o segundo – primeira produção da empresa Bloco H. da Costa, da propriedade do comerciante H. da Costa e da escritora Buttuller da Costa – retém paisagens ribatejanas de grande beleza, sem que a história atinja a mesma surpresa. Diferentes registos de qualidade que iriam caracterizar os anos seguintes do cinema português.

COLABORADORES E RUBRICAS

As notícias e as colaborações nacionais e estrangeiras conviveram bem nas páginas da *Cine*, **que é ilustrada com fotos, caricaturas e anúncios**. Da **fotografia**, temos aquelas que chegaram dos estúdios da MGM [Metro-Goldwyn-Mayer], Paramount, Fox-Film, BIP, GFFA e UA, a par das casas nacionais Foto Brasil ou Foto Silva Nogueira, procuradas pelos artistas da época, já que **Silva Nogueira** era considerado o melhor fotógrafo da época, sendo dele muitas das imagens de atores consagrados, para além dos trabalhos divulgados em cartazes, revistas, jornais, programas ou postais. As **caricaturas** foram desenhadas por Okay, Rudy, Thérél e Toño Salazar, caricaturista salvadorenho a residir na época em Espanha.

Nos textos, para além dos redatores principais António Fagim [A.] e Mota da Costa [M.C.], **houve colaboradores nacionais e estrangeiros**, como A. Chaves Cruz, António de Albuquerque, António Lima Cruz, Armand Duvivier, Augusto Soares, C., C.M., Carlos Alberto, Carlos Leal, Constantino de Figueiredo, Dr. Movex, Félix Bermudes, Fernando de Barros, Gustavo de Freitas [G. de F.], Herculano Leny [sic], J. R., Jean Harlow, Karl Bronnen, M., M. Antunes Amor, Machado Correia, Monnet-Sully, Patrício Álvares, R., René Clair, Rina Gale, Robert Drew, S.S., W. H. Kibee e William K. Howard.

Designadamente, o escritor e realizador francês **René Clair** já era um nome notável do cinema mundial, tendo ultimamente recebido o aplauso generalizado pelo seu primeiro filme falado (*Sous les Toits de Paris*, 1930), seguido de *Le Million* (1930) e *À nous la Liberté* (1931), sátiras da sociedade industrial.

A curta existência de *Cine* coincidiu com novos desafios profissionais do seu diretor, António Fagim que, no ano seguinte, parte para o Brasil, onde passaria a ser professor e jornalista, em colaboração com *A Voz de Portugal*, depois ainda mantendo uma ligação ao cinema, designadamente como secretário de produção em *Vendaval Maravilhoso* (1949), realizado por Leitão de Barros, numa produção luso-brasileira, acerca da libertação dos escravos no Brasil.

Jorge Mangorrinha

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 25 de Fevereiro de 2014

Bibliografia Consultada

Cine (1934). Lisboa: Editora Cinematográfica.

COSTA, Alves (1978), *Breve história do cinema português (1896-1962)*. Biblioteca Breve – Série Artes Visuais, vol. 11. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Secretaria de Estado da Investigação Científica / Ministério da Educação e Investigação Científica, Fevereiro.

RAMOS, João Leitão (1989), *Dicionário do cinema português (1962-1988)*. Lisboa: Caminho.